

JUVENTUDES: IDENTIDADE, EDUCAÇÃO E TRABALHO

Eliana Müller de Mello¹
Denise Regina Quaresma da Silva²

RESUMO

Neste trabalho, discutem-se os conceitos de poder e subjetivação, bem como os conceitos de identidade em relação à temática da juventude, educação e trabalho. Tal discussão é feita no sentido de refletir acerca da produção das identidades do jovem como construção social. Pretende-se uma análise de como se constrói um discurso sobre as juventudes plurais, atentando para os vazios do simbólico em relação à identidade. Para tanto, este estudo procura apreender as relações da juventude com a escola e o mundo do trabalho, de modo a contemplar a dinâmica do processo em que as alterações na forma de acumulação do capital colocam, à sociedade, novas exigências na socialização de suas gerações mais jovens. Essas exigências refletem-se nas condições objetivas e subjetivas da vida dos jovens e nas instâncias sociais próprias à sua participação, provocando transformações da própria forma de viver a juventude, seus atributos e sua sociabilidade.

Palavras-chave: Juventude. Identidade. Educação. Trabalho.

ABSTRACT

In this research the concepts of dominion and subjectivity are discussed, as well as the concepts of identity in relation to the youth, education and work issues. Such reflection is made in the direction to provide a debate about the production of the identities of the young as social construction. An analysis is intended concerning how the plural youths discourse is constructed, attempting to the emptiness of the symbolic one in relation to the identity. This study aims to apprehend the relations of youth with the school and the world of work, in order to contemplate the dynamics of the process where the alterations in the form of accumulation of the capital place, the society, new requirements in the socialization of its younger generations. These requirements reflect in the objective and subjective conditions of the young lives and in the proper social instances to their participation, eliciting transformations of the proper form of living youth, its attributes and its sociability.

Keywords: Youth. Identity. Education and Work.

¹Professora do curso de pós-Graduação em Educação Socioambiental e da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação. Pesquisadora da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Trabalho (Feevale). Mestre em Educação. Especialista em Lingüística Aplicada e em Metodologia de Ensino. Graduada em Letras e Literaturas. E-mail: elianad@feevale.br.

²Professora dos cursos de graduação de Psicologia e Psicopedagogia, de Pós-Graduação e Especialização em Processos de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem e de Pós-graduação em Arteterapia na Feevale. Pesquisadora da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Trabalho (Feevale). Doutora em Educação. Psicóloga. Psicanalista. E-mail: denisequaresma@feevale.br.

A identidade não é resultado de uma única escolha, mas de múltiplas possibilidades que podem resultar na elaboração de múltiplas identidades (ERIKSON, 1999). Contudo, esse processo não se dá linearmente, mas num constante movimento que é próprio das relações sociais e que possibilita ao jovem a busca de identificação através dos diversos grupos dos quais ele faça parte.

De acordo com alguns autores, o sujeito contemporâneo não possui uma identidade fixa, singular, essencial ou permanente. Essa é (re) construída continuamente e definida historicamente. Não se trata apenas de compreender a identidade como algo preexistente, mas de apreendê-la também como uma construção histórica nas diferentes fases da vida e nos diferentes contextos em que o sujeito atua. Nessa perspectiva, este artigo é resultado de um estudo teórico que foi motivado pela necessidade de se pensar a juventude como um construto social subjetivado e interpelado pelas várias identidades, pois esses sujeitos não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente utilizando-se de uma "única" identidade, mas assumindo diferentes identidades em diferentes momentos. A identidade é, antes de tudo, um processo de aprendizagem, o qual é vivenciado como uma ação e não tanto como uma situação.

Por outro lado, deparamo-nos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude, que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um "vir a ser", tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Nesse sentido, há uma tendência de definir a juventude na sua negatividade, negando o presente vivido. Essa concepção está muito presente na escola: em nome do "vir a ser" do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que ele expõe, bem mais amplo do que apenas o futuro.

Outra imagem presente é uma visão romântica da juventude, que se cristalizou a partir dos anos de 1960, resultado, entre outros fatores, do florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens, que se traduziram, em modas, adornos, locais de lazer, músicas, revistas etc. Nessa perspectiva, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa idéia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil. Mais recentemente, acrescenta-se outra tendência de perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura, como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais.

Essas imagens convivem com outra: a juventude

vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a auto-estima e/ou com a personalidade. Ligada a essa idéia, existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora. Todavia, percebe-se que a família, junto com o trabalho e a escola, está perdendo o seu papel central de orientação e de valores para as gerações mais novas.

Portanto, é necessário colocar em questão essas imagens, pois, quando arraigados nesses "padrões" socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de "ser jovem". Assim, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens constroem as suas experiências.

Dessa forma, a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em uma determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade concretiza-se com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e, também, das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. Nessa assertiva, entende-se a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um.

JUVENTUDE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens constroem determinados modos de ser jovem, que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem. É nesse sentido que é enfatizada a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de

sujeito social e histórico. Em outras palavras, na abordagem sócio-histórica concebe-se

o homem como ativo, social e histórico. A sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material. As idéias, como representações da realidade material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias. E a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda a produção de idéias (BOCK, 2001).

Assim, compreende-se a juventude como um fenômeno social que foi construído historicamente. O conceito de juventude corresponde a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que, através das diferentes épocas e processos históricos e sociais, vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes: “a juventude não está pronta, é uma construção que nasce da luta entre jovens e adultos”, confirma-nos Bourdieu (1983, p. 51).

Portanto, há muitas maneiras de “ser jovem”. Colocar juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquemas muito cristalizados.

Geralmente, a noção de sujeito social é tomada com um sentido em si mesma, sem a preocupação de defini-la, como se fosse consensual a compreensão do seu significado. Outras vezes é tomada como sinônimo de indivíduo, ou mesmo de ator social. Para alguns, falar em “sujeito” implica uma condição que se alcança, definindo-se alguns pré-requisitos para tal; para outros, é uma condição ontológica, própria do ser humano. Nos limites deste artigo, não cabe uma discussão que recupere a construção do conceito, assim nos limitaremos a assumir determinada posição.

O sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é um sujeito (a) sujeitado aos desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, que também são sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Portanto, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo e, nessa ação, se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no

qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entra em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem o jovem é e quem é o mundo, bem como quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os jovens se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria.

EDUCAÇÃO E JUVENTUDE: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A educação, como diz Sposito (1997), está em todos os lugares e “a luta pelos direitos é o espaço pedagógico onde se dá o verdadeiro processo de formação e constituição do cidadão” (ARROYO, 1991, p. 38). O que é, então, a educação, senão o processo intersubjetivo através do qual os seres humanos se constituem e constituem, ao mesmo tempo, o mundo?

Como o estudo da identidade é a análise da constituição do ‘estar sendo’ dos indivíduos no mundo, dentro do qual constroem a representação do que ‘pensam e sentem ser’ em cada momento de suas vidas, ao se estudar a produção da identidade de jovens, necessariamente se explicita um processo de ensinar-aprender.

A relação, portanto, entre a juventude e a educação pressupõe quatro pontos: 1 – a identidade se processa diferentemente em cada momento do ciclo vital, mas este não pode ser repartido em etapas universalmente concebidas para o desenvolvimento humano. Dessa forma, a juventude é uma fase da vida delimitada cultural e socialmente, caracterizada em nossa sociedade como momento de transformações biológicas visíveis e de transição entre a dependência infantil e a independência da idade adulta. Essas representações colocam a juventude sob determinados olhares que vão intervir na educação dos jovens, que, por sua vez, orientará suas próprias formas de se representar; 2 – não é possível estudar a identidade fora das relações sociais, devendo remetê-la sempre a situações concretas de vida, a grupos e indivíduos em atividade; 3 – a identidade pessoal se produz dentro de um processo de múltiplas identificações sociais, em uma relação “eu/nós/eles”, que não implicará mera busca de semelhantes e dessemelhantes. ‘Eles’ fazem parte do ‘eu/nós’ como pólo de oposição ou integrado contraditoriamente no ‘eu/nós’. É preciso apreender a totalidade das relações sociais em que inúmeros ‘eu/nós/eles’ interagem de forma contraditória; 4 – é possível se observar a luta que se trava no interior das sociedades de classe para a conquista de identidades coletivas e esta luta abre espaço para a construção de novas subjetividades. Com isso, identidades negativas pressupostas e, muitas vezes, assumidas pelas classes subalternas se transformam e ganham positividade para os sujeitos que impõem um reconhecimento social pelo enfrentamento

coletivo, a partir do qual podem, então, reconhecer-se mutuamente na oposição e não na adesão a valores e identidades que os submetem e os negam.

Além disso, para pensarmos as questões de juventude e educação, devemos considerar, ainda, o contexto amplo das relações sociais onde os jovens estão inseridos, que nos reportam a uma análise do momento atual de expansão do capitalismo chamado de globalização, em que se processa uma mundialização da cultura e tudo parece fazer parte de um 'nós' imenso, que penetra em todos os cotidianos e produz o desejo do consumo de marcas e objetos que representam prestígio e garantem aceitação social. Nesse cenário, as lutas contra a exclusão e pelos direitos, se não explicitam a raiz dos problemas, correm o risco de se transformarem em lutas pelo 'progresso' e pela inclusão de grupos específicos, sem que se rompa, de vez, com qualquer forma de exclusão. Ao se ficar na superficialidade das questões de direitos no limite daquilo que se estabelece juridicamente, se produzem identificações com este grande 'nós' absorvente e alienante que carrega toda racionalidade do capitalismo.

Nessa perspectiva, o desafio que se coloca para os educadores, em face da reestruturação produtiva e das novas formas de gestão e organização do trabalho, refere-se à formação mais pluralista e com maior capacitação para apreensão de linguagens, com ênfase na criatividade, na participação, na solidariedade etc. Novas habilidades pessoais e intelectuais são exigidas, e uma formação polivalente, reivindicada há tempos pelos educadores, passa a ser também uma necessidade do capital.

EDUCAÇÃO, JUVENTUDES E TRABALHO

Definir juventude, nos dias de hoje, segundo Pochmann (2000), tornou-se uma questão complexa; isso porque, tomando-se a compreensão de juventude como ciclo de vida com base em uma faixa etária definida, ao correlacioná-la com o tempo médio de vida e verificar-se que a expectativa de vida aumentou consideravelmente, essa mudança certamente refletirá sobre o período considerado jovem, devendo também ele se ampliar. Do mesmo modo, tomando-se a juventude com base na fase de preparação associada à educação escolar, essa idéia perde consistência, ao reconhecermos que a educação tem se tornado um elemento necessário e presente durante toda a vida do indivíduo, não se vinculando ao período estritamente jovem. Por outro lado, mais do que simplesmente considerar o indivíduo jovem por residir na casa dos pais, configurando uma dependência econômica, pode-se entender a juventude como a adoção de modos de ser próprios, expressos na forma de agir e de se relacionar. Assim, Pochmann (2000, p. 10) diz que "a juventude é menos uma etapa de preparação e muito mais a personificação de atitudes individuais e sociais que configuram um estilo de vida e de pensar, até mesmo abaixo dos quinze anos". Nessa perspectiva, a urgência de se promover a

democratização do ensino é inadiável para superar o atraso. Assim Pochmann (2000, p. 30) afirma:

O esforço de tornar a pedagogia do ensino brasileiro mais próxima do contexto de vida da juventude, sem prejuízo do conhecimento básico universal, é peça fundamental do projeto de construção de uma sociedade justa e democrática [...].

No entanto, cabe salientar que a educação, embora cada vez mais necessária, não representa condição suficiente para o sucesso do jovem na sua trajetória de vida. A situação do jovem no mercado de trabalho é bastante desfavorável: com o excedente de mão-de-obra, as condições para competição em relação aos adultos causam-lhe acentuadas limitações e, quase sempre, lhe são reservados os postos mais inferiores na estrutura das empresas.

Segundo dados do IBGE, o rendimento médio do jovem ocupado no Brasil é de 1,7 salários mínimos (1,9 salários mínimos para os homens e 1,4 salários mínimos para as mulheres). Ainda, quase 40% desses jovens têm jornada semanal superior a 44 horas. Apesar dessa situação, as taxas de desemprego dos jovens quase sempre são superiores às dos adultos. As transformações econômicas ocorridas a partir de 1990, com base no novo modelo econômico, terminaram por agravar as condições do jovem no mercado de trabalho brasileiro. O trabalho formal, registrado, com carteira assinada, sofreu forte reversão por conta da ruptura da sua evolução crescente desde a década de 1940 e atingiu acentuadamente o segmento jovem.

Na década de 1990, a cada dez postos de trabalho, oito não eram assalariados formais. O aumento crescente das ocupações autônomas implicou existência de condições precárias de trabalho, com baixos rendimentos, instabilidade ocupacional, altas jornadas de trabalho, alta rotatividade e ausência de mecanismos de proteção social e trabalhista. O destaque, nos anos 90, em relação à ocupação dos jovens, foi para o trabalho por conta própria, enquanto o emprego assalariado reduziu. Em síntese, o desemprego juvenil saltou de 5,1% para 14,9% entre os anos de 1980 e 1998, e, enquanto a ocupação aumentou 16,5% nesse período, o desemprego foi multiplicado 2,9 vezes. As perspectivas profissionais dos jovens são, portanto, bem diversas das anteriores, ganhando espaço o trabalho não subordinado. Isso implica formas de trabalho mais flexíveis, não vinculadas a hierarquias ou controles externos, e configura uma trajetória mais instável e diversas experiências profissionais acumuladas. Essas condições sinalizam para uma situação ocupacional mais fragilizada, com rendimento instável e desassistida de programas de proteção e valorização do trabalho.

A inserção ocupacional do jovem, tradicionalmente, é caracterizada pela instabilidade, mediante condições e

relações de trabalho mais precárias do que as do adulto; no entanto, isso se diferencia com base nos períodos históricos. Essas condições são importantes, pois definem, em grande parte, a trajetória profissional futura do jovem, facilitando ou impedindo o seu desenvolvimento profissional. Desse modo, ao inserir-se no mercado de trabalho no momento de crescimento da economia, o jovem tem mais condições de realizar uma progressão profissional. Hoje, assinala Pochmann (2000, p. 54),

[...] existe uma crescente instabilidade do padrão ocupacional [do jovem] diante da baixa capacidade da economia brasileira em gerar postos de trabalho mais qualificados e em grande quantidade. Os empregos criados, além de insuficientes são, em geral, precários, principalmente nos setores de serviços básicos (limpeza, segurança, garçons etc.)

O autor registra a importância de uma educação de qualidade, bem como a criação de uma rede pública de apoio ao jovem, com o objetivo de oferecerem o suporte necessário ao seu ingresso e à sua trajetória no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que a economia nacional responda positivamente no sentido de dar condições para o desenvolvimento do País.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos apresentados procuram apreender as relações da juventude com a escola e o mundo do trabalho, de modo a contemplar a dinâmica do processo em que as alterações na forma de acumulação do capital colocam, à sociedade, novas exigências na socialização de suas gerações mais jovens. Essas exigências refletem-se nas condições objetivas e subjetivas da vida dos jovens e nas instâncias sociais próprias à sua participação, provocando transformações da própria forma de viver a juventude, seus atributos e sua sociabilidade. Essas formas de viver a juventude não são homogêneas, uma vez que, historicamente produzidos e culturalmente diferenciados, os grupos juvenis vivem experiências distintas com base na sua inserção social.

No âmbito do debate nacional acerca da manutenção ou da perda da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo, essas reflexões concluem que, em especial para os jovens, a centralidade permanece, ainda que de forma transfigurada. Os estudos mostram que, diferentemente, os vários segmentos juvenis colocam o trabalho como eixo estruturante de suas vidas, quer seja como preparação (aqueles que podem se dedicar totalmente ao estudo como forma de preparação para a inserção no mundo do trabalho) ou como conciliação (aqueles que combinam, no cotidiano, o trabalho e a escolarização).

A dispersão, a variação dos temas e, ainda, a concepção naturalizante de juventude que permeia a atual educação – características da produção na área e as causas dos seus limitados resultados – delineiam a existência de uma demanda por análises mais próximas da realidade e que mostrem maior consideração pela condição histórica de desigualdade da população. Cabe também à educação atentar para o agravamento da crise do capitalismo em nível mundial, que tem acentuado a polarização entre ricos e pobres. Nessa perspectiva, ao se buscar compreender as juventudes, as categorias trabalho e educação adquirem importância, tanto metodológica como epistemológica-mente, por se constituírem em instâncias fundamentais na configuração da vida dos jovens na atualidade.

Nessa perspectiva, infelizmente, também o olhar da sociedade sobre essas juventudes ainda é carregado de mitos e preconceitos. Se não nos despirmos desse modo de olhar, pouca mudança será possível. É hora de entender melhor e ouvir o que os próprios jovens querem e pensam sobre seu futuro, para que possamos construir um novo referencial de sociedade. Para isso, a identificação do jovem como sujeito participativo do processo político é necessária e o estabelecimento de políticas que lhe assegurem uma escola acessível e de qualidade, formação profissional adequada, oportunidades dignas de trabalho e renda, é de extrema relevância social e humana.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Revendo os vínculos entre trabalho e educação. Elementos materiais da formação humana. In: SILVA, T. T. **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BOCK, A. M. B. **A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- POCHMANN, M. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. In: **Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de experiências internacionais**. Brasília: OIT, 2000.
- SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. In: PERALVA A.; SPOSITO, M. P. (Org.). **Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação**, Anped, São Paulo, n. 5/6, p. 37-52, 1997.